

MISTIÇAGENS: PROPOSTAS DE UM PENSAMENTO LUSO-BRASILEIRO

Romana Brázio VALENTE*

RESUMO

Parte-se do conceito de *mestiçagem*, sem submetê-lo aqui a discussão, a fim de propor um pensamento luso-brasileiro, tomando como base o pensamento de Gilberto Freyre, pelo lado do Brasil, e de Agostinho da Silva, intelectual luso-brasileiro, pelo lado de Portugal. Efetua-se uma comparação crítica entre ambos, tomando-os como base para se pensar a integração, ou miscigenação das culturas dos dois países.

Palavras-chave: mestiçagem, pensamento luso-brasileiro, Gilberto Freyre, Agostinho da Silva.

MÉTISSAGES: TOWARD A LUSO-BRAZILIAN THINKING

ABSTRACT

This paper starts with the concept of métissage, avoiding further discussion of the word, with the point to propose a lusitan-brazilian thinking. It focuses on Gilberto Freyre's thinking, for

(*)Departamento de Filosofia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

the Brazilian side, and Agostinho da Silva, for Portugal's side. It is made a critical balance between them, taking their works as a basis to think the integration, or mixing of the culture of both countries.

Key-words: *Métissage, Lusitan-Brazilian thinking, Gilberto Freyre, Agostinho da Silva.*

Demarcando-nos da infindável discussão conceitual acerca da *mestiçagem* e, sobretudo, desviando-nos dos hipotéticos confrontos entre a chamada *mestiçagem biológica* e a chamada *mestiçagem cultural e imagética*, visamos, de outra forma, propor um debate que não se atem a purismos conceptuais e a correntes ideológicas precisas. Na verdade, e à margem de algumas idealizações sobre *mestiçagem*, não tendemos a analisar negativa e positivamente todos os sinónimos que lhe são atribuídos. De outro ângulo, julgamos que *mestiçagem* é uma acepção extra-ordinária (logo, nem boa nem má), tão-só porque resulta de um acto que se reflecte na união. Nesta perspectiva, não podemos prender-nos a preciosismos de ordem da significância e de frieza conceptual. Alfim, porque é que é pejorativo relacionarmos *mestiçagem* com fusão, mistura, sincretismo, hibridez, heterogeneidade e diversidade? Não será extemporâneo apontarmos divergências entre purismo e miscigenação? Até porque, não cremos todos que estes questionamentos são falaciosos? Derradeiramente, não existem homens puros, nem muito menos, civilizações e culturas puras.

Um debate sobre miscigenação não pode colocar de parte uma alusão, senão explícita, pelo menos implícita, à actuação dos portugueses a favor da miscibilidade dos homens, dos povos e das culturas. Geneticamente mestiços, os portugueses são o resultado de uma fusão pluri-civilizacional que, a partir do século XV, se vão estender à África, à Ásia e à América. E por mais visões maniqueístas que subjazam à demanda portuguesa

pelo Mundo, há que ter em consideração uma leitura imparcial e objectiva¹ dessas andanças colonizadoras, a que, naturalmente, a *mestiçagem* não se pode alhear.

A partir desta interpretação, parece-nos incontornável não equacionarmos a existência de um pensamento *mestiço* em Portugal e, sobretudo, não estabelecermos uma ligação desse pensamento com o Brasil (país de mestiçagens, por excelência) e com os intelectuais brasileiros que também pensaram sobre o

(1) RISÉRIO, António. Sobre a Nova história Oficial. Dact., Brasil, 2003, pp.1-2, 5-6, 13-14: "Quando alguém se refere à "história oficial do Brasil", o que costuma vir à mente das pessoas, de modo praticamente invariável, é o discurso celebratório da colonização portuguesa. (...) É a velha história oficial do Brasil. O facto, que poucos estão notando, é que já existe, hoje, uma nova história oficial do país. Para ser breve, uma espécie de "contra-história" brasileira (...) contestam a ideia de um "descobrimento" do Brasil, ao tempo em que capricham na eloquência para denunciar, em estilo ao mesmo tempo culpado e acusatório, o suposto "genocídio" (...) dos índios que viviam por aqui. E os maus tratos (reais, não é preciso dizer) que foram dispensados aos nossos negros. (...) vociferam contra colonizadores essencial e invariavelmente criminosos, ao tempo que celebram irrestritamente, no plural e sem qualquer senso crítico, negros e índios. (...) do mesmo modo que os portugueses que vieram para cá não continuaram portugueses, também os africanos não permaneceram africanos. Pelo contrário, assim como os índios litorâneos, participaram, de modo vital e profundo, da invenção do Brasil. E, ao inventar o Brasil, eles se inventaram como brasileiros. (...) De facto, a contra-história pretendeu – e, em larga parte, conseguiu – fazer o que não deveria ter feito, sob pena de estelionatos óbvios: reduzir a História do Brasil a um filme de bandido e mocinho. De um lado, impávido e intransformável, ficaria o – mais que colonizador – estuprador português. De outra parte, teríamos o ameríndio eco-feliz, vivendo em perfeita comunhão com a natureza, e o negro africano luminosamente rebelde (...) Ora, esta é – como veremos adiante – uma simplificação caricatural da história. Inexistem povos-anjos e povos-demónios. Quem tomou a terra dos tupinaés, praticamente dizimando-os na Bahia de Todos os Santos e seu Recôncavo, não foram os portugueses, mas os índios tupinambás, (...) Na verdade, os portugueses começaram a escravizar negros no século XV, com a expansão marítima (...) Os próprios africanos, muito antes disso. Isto não significa, de modo algum, que estejamos aqui para tentar atenuar a crueldade da guerra de conquista ou para fazer de conta que a escravidão, entre nós, foi uma instituição necessária ou saudável. Longe disso. (...) Mas ter consciência de tais factos não nos autoriza a falsificar a história. (...) Em vez de transformar nossos antepassados em fantasias a-históricas, tratemos de encará-los em suas grandezas e em suas misérias. Caso contrário, mais não faremos do que substituir mitos antigos por mitos novos. Ou, para ser menos elegante e mais franco, mentiras antigas por mentiras novas".

assunto. Deste modo, escolhemos preferencialmente os intelectuais Agostinho da Silva (luso-brasileiro, 1906-1994) e Gilberto Freyre (brasileiro) para ilustrarmos essa relação. Esta opção deve-se ao facto de, em primeiro lugar, o autor português se referir a Freyre como um dos mestres da sua vida intelectual; em segundo porque o próprio sociólogo brasileiro considera Agostinho um erudito e um merecedor da leitura, por parte do Brasil, das suas doutrinas, sobretudo as que estão expostas em *Reflexão à margem da literatura portuguesa*²; e em terceiro porque há, de facto, algumas sintonias entre os dois pensadores.

Quando na introdução de *Reflexão*, Agostinho faz menção à influência freyriana no seu pensamento está, possivelmente, a ter em conta a leitura de *Casa Grande & Senzala* (1933) e de *O Mundo que o Português criou* (1940) e a assistência das conferências que o autor brasileiro fez em Portugal (aquando da sua visita à Europa - 1937). Através delas, Agostinho da Silva tem contacto com as sementes do luso-tropicalismo, que mais tarde viria a ser defendido e aprofundado por Gilberto Freyre (o conceito "Luso-Tropicalismo" é pronunciado pela primeira vez, em 1953, no livro *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* e é apresentado, na sua forma acabada, em 1961, em *O Luso e o Trópico*).

Afinal, o que é que, na obra de Agostinho, se sintoniza com as ideias de Freyre?

(2) FREYRE, Gilberto. *O Luso e o Trópico*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961, p.219: "Quando me refiro ao ideal de vida desenvolvido pelo Português em contacto assim íntimo com o Trópico, não posso esquecer-me das páginas recentes em que um intelectual português residente há anos no Brasil - o professor Agostinho da Silva - sugere que, a partir do século XVII, começou a haver, no Brasil, para muitos Portugueses, um «Portugal ideal» - projectado em tempo e espaço ideais: ideia que coincide com a de um Trópico, para os Portugueses, messiânico, por mim sugerido - em contraste com o «Portugal real»: segundo ideia minha, fixo no espaço europeu e fixo também no tempo apenas histórico. São páginas, as do professor Agostinho da Silva, merecedoras da melhor atenção brasileira. Principalmente as que o autor de *Reflexão à margem da literatura Portuguesa* consagra a esses dois portugueses, (...)".

Quando, em 1957, em *Reflexão*³, Agostinho da Silva afirma que o Brasil é o herdeiro, num sentido espiritual, metafísico mas também político e social, do Portugal medieval, está a ir ao encontro da linha de pensamento de Gilberto Freyre: "(...) Portugal, criador de tantos povos, hoje essencialmente portugueses em seus estilos de vida mais característicos, e o Brasil, país onde esse processo de alongamento de uma cultura antiga numa nova, e mais vasta que a materna, atingiu a sua maior intensidade"⁴; "Por sua vez o Brasil é hoje a parte mais viva e mais destacada do mundo que o português criou com elementos principalmente europeus e cristãos, (...) "⁵. As ideias comuns entre os dois autores sustentam-se essencialmente na defesa de um Brasil plural, que se constituiu através da miscigenação, que soube usar a mediação africana para conseguir unir indígenas e portugueses. Afinal de contas, Portugal, enquanto país que se situa no limiar (está entre a Europa e a África), possui características africanas⁶ assaz salientes que lhe permitiram misturar-se com povos culturalmente diferentes⁷ e desconhecidos e com climas diversos. A isso chamou Freyre

⁽³⁾ SILVA, Agostinho da. *Reflexão à margem da literatura portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.

⁽⁴⁾ FREYRE, Gilberto. *O Mundo que o Português criou*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1940, p.32

⁽⁵⁾ *Ibidem*. p.41.

⁽⁶⁾ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943, pp.78-79: "A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. (...) o ar de África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez doutrinária e moral da Igreja medieval; tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, à arquitectura gótica, à disciplina canónica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio carácter do povo. A Europa reinando mas sem governar: governando antes a África".

⁽⁷⁾ SILVA, Agostinho da. *Reflexão*, pp.38-39: "Isto exactamente tentou Portugal e não lhe consentiram as circunstâncias do mundo que até agora o levasse por diante: tentou espalhar pelo universo um catolicismo tão católico que até o infiel nele coubesse".

de *plasticidade* (e Jaime Cortesão de *plasticidade amorável*⁸ e Agostinho de *aptidão para a capatazia e para fazer biscates*⁹), isto é, a capacidade do português se adaptar a qualquer meio e a qualquer circunstância. O que é certo é que, pelo facto de ser um povo flutuante, equilibrado antagonicamente (“O que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a europeia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam”¹⁰), flexível e versátil, conseguiu aclimatizar-se nos trópicos sem quaisquer dificuldades, até porque o clima de Portugal está muito próximo do de África.

Ora, foram essas plasticidade, miscibilidade, mobilidade que contribuíram para o sucesso da colonização portuguesa no Brasil. No entanto, e parafraseando António Sérgio, porque é que essa plasticidade não serviu de conduta aos portugueses para se fixarem na Europa? Ao que parece, o uso da plasticidade portuguesa só resultou nos trópicos: “(...) todos os dotes que nos serviram nos trópicos são os mesmos que na Europa nos desserviram; (...)”¹¹. Seguindo Sérgio somos conduzidos a postular

⁽⁸⁾ Vt. CORTESÃO, Jaime. O Humanismo Universalista dos Portugueses. Lisboa: Portugália Editora, 1965, p.265.

⁽⁹⁾ SILVA, Agostinho da. Entrevista com Agostinho da Silva. (In: Filosofia. nº 2, Dez. 1985). In: _____. Dispersos. Organização de Paulo Borges, Lisboa: ICALP, 1989, p.67: “É impressionante o talento do português para a capatazia: podemos ser capatazes de tudo, desde a construção civil até à filosofia”; SILVA, Agostinho da. A minha meta é o ponto sem dimensão. (entrevista a Antónia de Sousa. In: Diário de Notícias, 20 / 07 /1986) In: _____. Dispersos, p.146: “Acho que somos um mediador. Nós temos duas capacidades no povo que não foram plenamente aproveitadas: uma, é a capacidade extraordinária de ser capataz, de pegar num grupo de gente e de o levar a realizar determinada tarefa, guiando-o e acompanhando-o. É aquilo a que eu chamo a capatazia dos Portugueses. A outra qualidade nata nos portugueses é a capacidade de andar ao biscate”.

⁽¹⁰⁾ FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala, p.84.

⁽¹¹⁾ SÉRGIO, António. Prefácio. In: _____. O Mundo que o Português criou, p.15.

o seguinte: se a plasticidade portuguesa não resulta no caso da Europa, então, os portugueses não são totalmente plásticos. Para o ensaísta, a psicologia do português é anti-europeia, os seus méritos como colonizador do Brasil consistem precisamente nos seus defeitos como nação europeia. Contudo, esta ilação é profundamente discutível. Por mais que, na sua essência, Portugal seja um país anti-europeu, o que é facto é que pelo seu perfil de continente inerte, fechado e dogmático, a Europa não interessava grandemente a Portugal. Se, por um lado, a perspectiva de Sérgio é considerável (os factores agro-clímicos da Europa não são propícios a nenhuma casta de cultura básica e, por isso, não seduziam os portugueses), por outro lado, existem propostas contrárias à condução dada pelo autor quanto a esta questão e que são muito mais citadas, embora, porventura, românticas: Portugal vira costas à Europa¹², continente espiritualmente velho e degradado, porque ambicionava encontrar um mundo novo, aumentar a riqueza através do mercantilismo e divulgar a cristandade. Esta atitude não denuncia, no nosso parecer, a ausência de plasticidade. Portugal nega-se voluntariamente à Europa. Para António Sérgio, ao invés disso, o sucesso dos portugueses no Brasil deve-se ao facto de, pela primeira vez, terem encontrado um ambiente propício para realizar uma cultura básica: “E quanto ao êxito do Português no Brasil? Já vos disse a pergunta que me sugere o caso: não seria no Brasil que o Português encontrou – pela primeira vez – condições de ambiente francamente propícias para tirar da terra uma cultura básica (de venda assegurada, de favor no mercado)?”¹³.

(12) PESSOA, F., Mensagem. I, “Os Castelos”. 17ª ed. Lisboa: Ed. Ática, s.d.: “A Europa jaz, posta nos cotovelos: / De Oriente a Ocidente jaz, fitando, E toldam-lhe românticos cabelos / Olhos gregos, lembrando. O cotovelo esquerdo é recusado: / O direito é em ângulo disposto. / Aquele diz Itália onde é pousado; / Este diz Inglaterra onde, afastado, / A mão sustenta, em que se apoia o rosto. / Fita, com olhar esfíngico e fatal, / O Ocidente, futuro do passado. / O rosto com que Fita é Portugal”; SILVA, Agostinho da. Reflexão, pp.96, 98: “Quem no fim de contas está decadente é a Europa, tão longe agora de seus ideais medievais; (...) Portugal procura reconstruir-se onde a Europa não chegue, e sempre chegará demais, infelizmente; (...)”.

(13) SÉRGIO, António. Prefácio a O Mundo que o Português criou, p.29.

Se Sérgio é um hermeneuta acríptico relativamente à fixação dos portugueses em terras brasileiras, sem embargo, Sampaio Bruno questiona de um modo percuciente, na sua obra *Brasil Mental*, a relação entre os homens de aquém e de além mar. Deveras pertinente e até com algumas matizes de acerbidade, Bruno não poupa críticas ao rumo que o Brasil escolheu nem às lucubrações que a maioria dos intelectuais brasileiros faz acerca de Portugal e dos seus literatos, não obstante, é um leitor inflexível. Dessarte, ao assumir a antipatia sentida por brasileiros em relação aos portugueses¹⁴, afirma igualmente que “Portugal não toma(va) a sério o Brasil”¹⁵ (até porque estava interessado apenas pela França) e “A culpa era nossa; pois que o tipo do brasileiro, se o não criámos, o deformamos nós”¹⁶. Posto isto, o pensador português endurece a sua perspectiva, alegando, hostilmente, que os brasileiros desdenham a língua que se fala em Portugal e que a evolução linguística ocorrida no Brasil não é progressiva mas, na verdade, regressiva. Afinal, ela é fruto do comprometimento da mestiçagem, tão perverso, rudimentar e inferior¹⁷. Apesar de todas estas afirmações polémicas e iníquas, Bruno reconhece que a mentalidade brasileira se desenvolveu graças à acção do positivismo, ou seja, os brasileiros, ao adoptarem a doutrina de Comte, souberam alicerçar-se intelectualmente, aparte dos seus dogmatismos e idolatrias. António Telmo é, porém, mais abonatório ao proferir que o escopo do autor de *O Brasil Mental* não é ferir arbitrariamente os *primos*¹⁸ do além-Atlântico, mas, com efeito,

(14) Vt. BRUNO, Sampaio. *O Brasil Mental*. Porto: Lello Editores, 1997, p.53.

(15) *ibidem*, p.44.

(16) *ibidem*, p.48.

(17) *ibidem*, p.87: “(...) a perversão da linguagem atingiu o cúmulo. A meiguice da raça negra essencial e caracterizadamente afectiva (...), essa meiguice, dum amelaçamento idiota, pegou-se ao idioma. Daí, as alterações fonéticas; o desbaste das arestas varonis nos vocábulos; a abundância formigante dos diminutivos”.

(18) Quando se reporta à relação entre portugueses e brasileiros, Sampaio Bruno opta por defini-la através da expressão *primos* em vez da usual *irmãos*.

manifestar a sua tristeza pelo afastamento que cada vez mais se acentua entre as duas nações¹⁹. Contudo, não cremos que a estreme intenção de Bruno seja exclusivamente aquela a que Telmo faz menção. Até porque o pensador português é assaz claro, crítico e enfático quando aborda este assunto. Tão diversamente tratado, décadas depois, pelos seus conterrâneos Jaime Cortesão e Agostinho da Silva e pelo brasileiro Gilberto Freyre.

Por mais que Freyre assumia que o sucesso da colonização brasileira se deveu à estruturação da sociedade numa base rural²⁰ (na realidade, a colonização no Brasil não é arbitrária nem aventureira, constitui-se de uma forma patriarcal e aristocrata – o português foi um dos primeiros a criar riqueza local, não se limitou a extraí-la), o que é significativo é que o autor de *Casa Grande & Senzala* defenda que tal sucesso se dá, acima de tudo, porque o português é o mais cristão, humanista e simpático de todos os colonizadores modernos, estando primeiramente interessado na divulgação espiritual e religiosa e só depois na acumulação económica: “Pode-se dizer que o entusiasmo religioso foi o primeiro a inflamar-se no Brasil diante de possibilidades só depois entrevistas pelo interesse económico”²¹. A colonização portuguesa assenta numa postura cristocêntrica²², metafísica, idealista e mito-poiética. O Brasil é mais do que a extensão de Portugal, é a transeuropeização cultural e religiosa, é o regresso

⁽¹⁹⁾ TELMO, António. Prefácio. In: BRUNO, Sampaio. O Brasil Mental, p.15: “Mas surpreendemos nas palavras que ferem um toque, mal escondido, de tristeza”.

⁽²⁰⁾ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*, p.116: “Curioso, portanto, que o sucesso da colonização portuguesa do Brasil se firmasse precisamente em base rural”.

⁽²¹⁾ *ibidem*. pp. 400-4001.

⁽²²⁾ FREYRE, Gilberto. O Luso e o Trópico, p.14: “(...) o esforço português nos Trópicos e no Oriente tem sido antes cristocêntrico – sociologicamente cristocêntrico, isto é, empenhado em comunicar a povos não-cristãos um conjunto de valores independentes da raça ou mesmo da civilização nacional de quem os propaga – do que etnocêntrico, como tem sido o esforço da parte de outros europeus nas mesmas áreas (...)”.

à terra de origem. Economicamente, o Brasil apresenta-se como solução a nível agrário. Simbólica e mitologicamente, o Brasil é o re-encontro com o paraíso²³, é o descobrimento da *Ilha Brasil*. Ora, são afirmações desta natureza que galvanizam Agostinho da Silva.

Como sabemos, a partir de *Reflexão*, Agostinho concebe o Brasil enquanto nação salvífica²⁴, não só de Portugal, mas também de todo o Mundo²⁵, até porque o ensejo da sua formação reside no apelo espiritual. Movidos pela fé cristã, os homens portugueses antevêm o Brasil como paraíso da congregação de todas as raças e etnias num só credo ("Soubesse rezar o padre-nosso e a ave-maria, dizer Creio-em-Deus-Padre, fazer o pelo-sinal-da-Santa-Cruz – e o estranho era bem vindo no Brasil colonial. (...) Daí ser tão difícil, na verdade, separar o brasileiro do católico: o catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade"²⁶). O pensador português pensa, porém, de uma forma mais ampla. Concebe o Brasil como país ecuménico, como centro propulsor de convivência de todos os cultos.

(23) *ibidem*, p.55: "Os Trópicos seriam para o Português, inquieto com os limites europeus de Portugal, terras-mães, terras de origem, terras estranhas a que ele regressasse com direitos especialíssimos: quase de ex-tropical desgarrado numa Europa por ele absorvida no seu sangue, na sua seiva, na sua cultura, a ponto de se ter – também ela, -Europa – tornado profundamente sua. Daí, de volta aos Trópicos messiânicos, conservar-se em grande parte europeu: apegado à Europa, saudoso da Europa, incompleto sem a Europa".

(24) SILVA, Agostinho da. *Reflexão*, p.89: "Portugal continental. Porque o ter emigrado o salvou, ou salvou a sua mensagem do que poderiam ter sido desastres essenciais. E é exactamente o além-mar que vai dar a Portugal a possibilidade de mostrar que, no fundo, continuava fiel à sua fé nas possibilidades de uma ciência verdadeiramente humana, de uma descoberta do mundo que não servisse apenas para aprisionar o mundo, de um alargamento da visão europeia que não pusesse o europeu apenas como senhor dos outros povos".

(25) SILVA, Agostinho da. *Reflexão*, p.138: "O problema português é, pois, um problema do mundo".

(26) FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*, pp.126-127.

O Brasil é o reino do Espírito Santo²⁷. Tem consciência, todavia, que para compreender o Brasil na sua essência é necessário fazer mediações com a África, com o Oriente, com a cultura indígena. Não é em vão que, em 1959, funda o Centro de Estudos Afro-Orientais em Salvador da Bahia. É, provavelmente, uma estratégia para conhecer melhor as raízes do Brasil. Na linha de Gilberto Freyre, Agostinho enfatiza o significado da mediação africana na fundação do Brasil como país espiritualmente aberto a todas as religiões. África (não só a negra, mas também a islâmica) é uma mediação entre os portugueses e os indígenas, entre os portugueses e os europeus trans-pirenáicos. O africano, sobretudo o mestiço (expressão máxima da miscigenação), é o homem que faz a ponte entre as culturas puras, é o portador, não só na colonização do Brasil mas também no Portugal islâmico, de uma mobilidade social incomparável a qualquer outra etnia: "E essa plasticidade, que o colonizador português já trazia da Europa, desenvolveu-a a mestiçagem no Brasil, na Ásia, na África, em Cabo Verde e noutras áreas de colonização portuguesa. De modo que encontramos sempre a mestiçagem a desempenhar uma função ao mesmo tempo de diferenciação e de integração dos luso-descendentes"²⁸; "Porque a mestiçagem é sobretudo isso: mobilidade social. "Mobilidade social horizontal"; "mobilidade social vertical". E na sua fase mais activa, pode-se acrescentar que também mobilidade biológica, ou seja aquela criação de uma variedade de tipos novos, desarmónicos, perturbadores do

⁽²⁷⁾ Esta concepção prevalece durante as décadas de 50 e 60, posteriormente Agostinho concebe o Reino do Espírito Santo à margem de uma sede fixa, passa a ser um Reino a-espacial ou universal. SILVA, Agostinho da. Estilo e Conteúdo. "Ambição" (In: Vida Mundial. 14/04/1972). In: Dispersos, pp.564-565: "E continuo a crer, por muito riso ou compaixão que isso desperte, que é religião central a todas estas e religião verdadeiramente portuguesa, a do Espírito Santos das Ilhas Atlânticas; se pudéssemos pensar em futuro fulcro de ecumenismo social, político e religioso ou metafísico, aí o poríamos, já não só para Ocidente ou parte do mundo, mas para um total mundo inteiro, (...)".

⁽²⁸⁾ FREYRE, Gilberto. O Mundo que o Português criou, p.55.

conforto estático a que todos tendemos pela nossa acomodação a convenções de tipos de beleza: o greco-romano, por exemplo"²⁹; "Já disse que nessa esfera a mestiçagem agiu como dissolvente das forças que vinham se solidificando para criar sociedades de senhores e escravos, rígidas na separação de classes e ao mesmo tempo de raças, (...) "³⁰. Poder-se-á considerar o mestiço como uma nova raça, tão ambicionada na era de seiscentos, como uma raça que, ao ser o cruzamento de diversas raças, não é, paradoxalmente, nenhuma delas. A partir desta perspectiva, o mestiço é o símbolo da união racial, étnica, religiosa e espiritual dos povos. É o primeiro fundamento para a formação de um *terceiro Homem*, de uma *terceira Cultura*³¹, reveladora da simbiose luso-tropical. A mestiçagem é a plena hibridéz. Tanto para Freyre, como para Agostinho³², a vitória da colonização portuguesa é a vitória da mestiçagem, ou seja, da miscigenação, da união de culturas e civilizações. A mestiçagem é o primeiro passo para o ecumenismo³³ (a união social, racial e cultural é o trampolim para a unidade espiritual no Espírito Santo). Por um lado, porque a Europa se funde nos trópicos e, por outro, porque o contacto com o novo mundo vem enriquecer a cultura europeia: "É a cultura de origem portuguesa, de tradições portuguesas, de característicos

(29) *ibidem*, p.57.

(30) *ibidem*. p.58.

(31) FREYRE, Gilberto. *O Luso e o Trópico*. p.88: "De modo que estamos – ao que parece – diante de um processo de formação de um terceiro homem ou de uma terceira cultura -, um homem simbioticamente luso-tropical, uma cultura simbioticamente luso-tropical (...)".

(32) SILVA, Agostinho da. *Reflexão*. p.39: "(...) Portugal tentou acrescentar uma outra dimensão que, por não ser geométrica, não é menos real: a largueza. Portugal foi o missionário da largueza do Reino de deus e a isso se prende provavelmente muito do seu anticlericalismo; e, no plano antropológico, muito do seu gosto pela mestiçagem".

(33) SILVA, Agostinho da. *Estilo e Conteúdo*. "Ambição". p.563: "Pois seja o nosso ecumenismo, neste ponto, capitalista e socialista e tenha cada homem de nossa Nação e das que com ela se associarem, na plena paz e na plena colaboração, tudo o que lhe seja necessário para que se alimente, para que se vista, para que se abrigue, numa base essencial de ser humano e cidadão".

portugueses, que se revigora enriquecendo-se de aspectos novos e diversos dentro das condições psicológicas e de cultura criadas pela mestiçagem dinâmica, activa, diferenciadora³⁴.

A fusão entre os europeus e os habitantes dos trópicos³⁵, a que Freyre denomina de *lusu-descendentes*, desperta o escritor brasileiro para a criação de uma unidade cultural e psicológica que congregue todos os povos que falem português. Essa unidade que, no fundo, é uma zona sentimental e social comum, não passa de uma comunidade de países lusu-descendentes, ou à maneira agostiniana, lusu-brasileira, que mesmo sendo supra-nacional, não é xenófoba ou etnicamente purista. Esta Comunidade lusu-tropical revela-se enquanto estrutura transnacional (na medida em que engloba o regional, o nacional e o supra-nacional) que visa implementar uma língua comum que aproxime todos quantos dela façam parte. Contudo, esclarece-se que esta língua, também ela transnacional, não castra regionalismos nem a espontaneidade popular³⁶. Dir-se-á até que esta língua comum

⁽³⁴⁾ FREYRE, Gilberto. O Mundo que o Português criou, p.54.

⁽³⁵⁾ O contacto não se restringia apenas à cristianização, à cultura, aos hábitos impostos pelos europeus aos nativos, o inverso também acontecia. SILVA, Agostinho da. *Conversas Inacabadas* (com Joaquim Furtado. In: «Grande Reportagem». 7 a 20 de Dezembro de 1984; 21 a 27 de Dezembro de 1984; 28 de Dezembro a 3 de Janeiro de 1985; 4 a 11 de Janeiro de 1985). In: *Dispersos*, p.35: "Nos primeiros 50 anos da ocupação do Brasil não se deu nenhuma cristianização do tupi, deu-se o contrário: a tupinização do cristão".

⁽³⁶⁾ Mostramos, em jeito exemplificativo, como, contrariando António Sérgio, Freyre é a favor do uso da língua portuguesa o mais próximo possível do seu registo falado. FREYRE, Gilberto. O Mundo que o Português criou, pp.63-64: "Na verdade, os que no Brasil desejamos não uma idiota "língua brasileira", pomposamente oficializada com esse título para gozo de uma minoria cada vez mais reduzida e mais ridícula de lusófbos, porém, uma língua escrita mais aproximada daquela que falamos, agimos sob a necessidade de uma expressão mais livre e mais natural, que corresponda a um meio diverso do português da Europa e a uma época diferente da do padre Bernardes"; SILVA, Agostinho da. *Estilo e Conteúdo. "Ambição"*. p.564: "(...) Portugal de lusitanos e macaístas, de brasileiros ou angolanos, plenamente humanos em sua vida material e seu saber, tem de ir mais longe ou já mais longe, embora pareça, ainda, que bem tímido está no tomar de sua consciência. Devendo conservar cada um sua linguagem própria e a apurar, num perpétuo converter-se àquilo que já diz ser, em lugar de opressiva e superficialmente querer converter os outros ao que não são nem porventura serão nunca, temos nós todos de ver claro que Portugal é de cristãos, e de cristãos de várias confissões, de muçulmanos, ao que também creio de várias seitas (...)"

é um complexo cultural e social onde co-habitam portugueses, africanos, brasileiros, asiáticos. A Comunidade Luso-Tropical de Gilberto Freyre é a mesma que Agostinho defende, em 1959, como Comunidade Luso-Brasileira e que, nos inícios da década de 90, surge como Comunidade dos Países de Língua Portuguesa³⁷. A diferença entre os dois autores é que Agostinho dá primazia ao espírito e Freyre à língua (ainda que, para o autor brasileiro, o substracto do complexo luso-tropicalista assente na simbiose transcultural). No fundo, ele usa a Língua como força de apelo e visibilidade internacional, já que a formação de uma *Área Total*³⁸ só é possível com a reunião de todos os espaços tropicais faladores de Língua Portuguesa, contudo, o objectivo da doutrina gilbertiana é interpretar o resultado do contacto, porventura dramático³⁹, dos portugueses nos trópicos com culturas e formas de sociedade diferentes. O estudo desse encontro só pode ser feito através da ciência a que o sociólogo dá o nome de *Luso-Tropicologia* (baseada na antropologia, na sociologia da cultura e na ecologia). Em nosso entender, essa ciência debruçar-se-á sobre os mesmos pilares da noção agostiniana de *Portugal-Ideia*, a saber, averiguar os vestígios que os portugueses deixaram nos Trópicos, mormente no Brasil, que lhe possibilitariam fundar uma sociedade nova,

⁽³⁷⁾ SILVA, Agostinho da. Proposição (inédito, 1974). In: *Dispersos*, p.617: "A comunidade a que proponho é o Povo não realizado que actualmente habita Portugal, a Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, o Brasil, Angola, Moçambique, Macau, Timor, e vive, como emigrante ou exilado, da Rússia ao Chile, do Canadá à Austrália".

⁽³⁸⁾ FREYRE, Gilberto. *O Luso e o Trópico*, p.43: "Admitida essa elasticidade, podemos designar como «área total» o conjunto de espaços tropicais hoje ocupados pela gente lusitana ou de origem principalmente lusitana ou portadora de cultura principalmente lusitana: conjunto do qual o Brasil se destaca como a sua maior força actual".

⁽³⁹⁾ *ibidem*, p.53: "(...) a luso-tropicologia: como estudo sistemático de um encontro dramático de determinada cultura, predominante sobre outras, com a natureza, em espaços já definidos pelos naturalistas como tropicais".

democrática⁴⁰, tão próxima dos ideais medievais de Portugal. O *Portugal-Ideia* é um conceito futurista, tal como o *luso-tropicalismo* de Freyre também o é. E, embora o autor brasileiro cite nomes de alguns pensadores⁴¹, quer portugueses quer brasileiros, que, à data (1961), já se interessavam pelo luso-tropicalismo, fazendo dele uma doutrina verossímil e conceituada, o que é certo, é a sua doutrina não passa de um porvir⁴², de alguma maneira cumprido, ainda que não integralmente, com a CPLP.

Gilberto Freyre, à semelhança de Agostinho da Silva, é um autor tão amado quanto desconsiderado pelo público e pela crítica. Ora, essas desconsiderações advêm, no nosso ponto de vista, de algumas posições por si colocadas que não são de fácil aceitação. O que é certo é que Freyre é conotado, por muitos leitores, como um escritor conservador, anti-progressista e filiado aos ideais de Salazar (na realidade, o ensaísta brasileiro recebeu subsídios do Governo Salazarista, a convite do Ministro do Ultramar Sarmiento Rodrigues, para visitar e estudar as colónias portuguesas, no início

⁽⁴⁰⁾ O que não deixa de ser curioso é que embora teoricamente o Luso-Tropicalismo se sustente em bases democráticas, apelando até para a independência das colónias, logo, por inclusão também daquelas que Portugal ainda tinha em África (é interessante colocarmos em questão o facto de O Luso e o Trópico ter sido editado precisamente no ano em que a Guerra Colonial começou – 1961), por outro lado, a doutrina de Freyre é aproveitada pelo Governo do Estado Novo para justificar a permanência de Portugal no Ultramar. Afinal, para o espírito de Salazar e seus seguidores, a aceitação do Luso-Tropicalismo poderia convocar o poder de Portugal no Mundo, a doutrina encerrava-se enquanto símbolo da congregação dos povos de língua portuguesa subordinada, porém, às coordenadas políticas portuguesas. O que o Ditador desconsiderava na tese de Gilberto Freyre era o protagonismo que o Brasil exercia nesse complexo transcultural.

⁽⁴¹⁾ Os casos de Almerindo Lessa, Orlando Ribeiro, Adriano Moreira, por exemplo. V. FREYRE, Gilberto. *O Luso e o Trópico*, p.6.

⁽⁴²⁾ Cláudia Castelo também é apologista desta visão: "Na verdade, a civilização que Gilberto Freyre descreve e interpreta não existe, é antes uma aspiração, um destino" – CASTELO, Cláudia. *A Recepção do Luso-Tropicalismo em Portugal*. In: AA.VV. *Novo Mundo nos Trópicos – Anais do Seminário Internacional* (Recife, 21 a 24 de Março de 2000). Fátima Quintas (org.), Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2001, p.87.

dos anos 50. Contudo, quem nos garante que a aceitação desse subsídio não se objectivava apenas no seu interesse antropológico, sociológico e etnográfico, num aperfeiçoamento dos seus estudos sobre Portugal e as suas colónias? A aceitação do subsídio não o comprometia necessariamente à ideologia salazarista. No entanto, numa época em que a ditadura salazarista já se havia instalado, Gilberto Freyre explicita não só a sua admiração por Salazar⁴³, como expressa também o seu apoio a Portugal e às colónias ultramarinas⁴⁴).

Se, por um lado, não nos é possível negar integralmente os argumentos expostos na obra de Freyre, por outro, existem alguns aspectos de difícil assimilação. O mais flagrante é a

⁽⁴³⁾ FREYRE, Gilberto. *O Luso e o Trópico*, pp.239-240: "(...) é preciso que apareçam em Portugal e no Brasil vozes de líderes políticos e de líderes católicos – como, em Portugal, a do professor Oliveira Salazar (ao mesmo tempo líder político e líder católico), a do cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, a do dr. Nuno Simões, a do professor Marcelo Caetano, a do dr. Jaime Cortesão, do professor Adriano Moreira -, para darem novo relevo a uma tradição que, sendo lusitana ou ibérica, não é apenas lusitana ou ibérica mas luso-cristã ou ibero-cristã (...)". Como é que Gilberto Freyre coloca na mesma linha Salazar, Cerejeira, Caetano e Cortesão? Por mais que o historiador português apresente uma reflexão franciscana e messiânica da História de Portugal, isso não o associa necessariamente aos outros portugueses que por si também são citados. Na realidade, Jaime Cortesão defende um movimento político, ideológico e social inverso ao de Salazar ou Cerejeira. Todavia, por mais que estes homens divirjam política e ideologicamente entre si, há algo que os associa. Acrescentamos, a título de curiosidade, que alguns dos mestres que guiam Cortesão e Agostinho são os mesmos que inspiram Gilberto Freyre: Camões e Fernão Mendes Pinto, por exemplo. O autor brasileiro chega até a considerá-los como precursores do Luso-Tropicalismo. Vt. FREYRE, Gilberto. *O Luso e o Trópico*, p.88.

⁽⁴⁴⁾ FREYRE, Gilberto. *O Mundo que o Português Criou*, p.38: "(...) procuro mostrar como é possível defender e desenvolver aquela cultura por meio de uma solidariedade maior do Brasil com Portugal e com as colónias portuguesas"; FREYRE, Gilberto. *A propósito de Libertadores*. In: *O Cruzeiro*. 29/12/1962 (cedido por Pedro Moacir Maia): "Que se acuse o Professor Oliveira Salazar de prolongar-se no poder, em vez de fazer-se substituir, admite-se. Mas que se acuse o seu governo de "corrupto", não. A não ser por malícia ou para efeitos propagandísticos entre a gente mais ingénuo. O Professor Oliveira Salazar pode ser, sob vários aspectos, um homem arcaico. Pode ser, em certos particulares, um inactual. Mas não pertence de modo algum ao número de políticos "corruptos". Nem governa um Portugal "corrupto"."

compreensão que o mesmo faz da escravatura como única solução da organização económica da sociedade colonial brasileira: “O tipo de sociedade colonial fundado na América pelos portugueses teve que basear-se economicamente sobre o trabalho escravo. Era inevitável”⁴⁵; “No caso brasileiro, porém, parece-nos injusto acusar o português de ter manchado com instituição que hoje tanto nos repugna, sua obra formidável de colonização tropical. O meio e as circunstâncias exigiram o escravo”⁴⁶; “Tenhamos a honestidade de reconhecer que só a colonização latifundiária e escravocrata teria sido capaz de resistir aos obstáculos enormes que se levantaram à civilização do Brasil pelo europeu. Só a casa-grande e a senzala. O senhor de engenho rico e o negro capaz de esforço agrícola e a ele obrigado pelo regime de trabalho escravo”⁴⁷. Se, em razão, baseados na veracidade histórica⁴⁸, defendermos que era complicado Portugal manter o Brasil como sua colónia se não fizesse uso de uma estrutura agrária latifundiária e de uma técnica de exploração escravocrata, na medida em que estava à beira de perder o novo país para os invasores estrangeiros (qualquer outra prática de exploração agrícola e modo de colonização eram muito mais lentos do que a utilização da escravatura e do latifúndio), de outro modo, não há garantia de que essa conduta fosse inevitável. Assim como nada nos impele a aceitá-la. Poder-se-á até entendê-la, no entanto, não é um tema de fácil e imediata aceitação. É, ao fim e ao cabo, uma questão profundamente dilemática. Embora Agostinho

(45) FREYRE, Gilberto. O Mundo que o Português Criou, pp.43-44.

(46) FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala, p.401.

(47) *ibidem*, p.403.

(48) SILVA, Agostinho da. Fontes e Pontes do Futuro: Educação Africana 1 (Assinado Frei G.H. In: Vida Mundial, 15/09/1972). In: Dispersos, p.577: “(...) os escravos feitos, aos milhares, foram para o Brasil e outros pontos, creio, da América; ora aqui está como uma batalha que foi desastre para o Portugal europeu abriu era de desenvolvimento para o que ia ser a sua maior obra no mundo. Não é, entenda-se, que eu aprove, hoje, a ida dos escravos; estou a colocar-me, por um lado, naquele tempo e, por outro, numa perspectiva histórica; (...)”.

compreenda historicamente a problemática da escravatura⁴⁹, reage de forma diversa: em primeiro lugar, negando explicitamente qualquer vestígio de colonialismo (lembramos a sua comunicação no *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*), em segundo, condenando qualquer incentivo à escravatura. O que se nos apresenta contraditório é o facto de Gilberto Freyre defender a inevitabilidade do uso da escravatura na organização do Brasil colonial e, simultaneamente, caracterizar democraticamente o mesmo país: “Mas não se pode acusar de rígido, nem de falta de mobilidade vertical – como diria Sorokin – o regime brasileiro, em vários sentidos sociais uma dos mais democráticos, flexíveis e plásticos”⁵⁰. Tal como assume a inexistência de antagonismos⁵¹ entre o *senhor* e o *escravo*, ou como ele gosta de definir, entre a *casa-grande* e a *senzala*, chegando até a proferir que, na colonização brasileira, havia uma fácil mobilidade entre raças e classes e que o preconceito racial era insignificante⁵². O que a História nos confirma é precisamente o inverso: existia um notório preconceito racial e a mestiçagem, ainda que metafóricamente representasse a união da multiplicidade étnica, não se movimentava entre classes tão fluentemente quanto Freyre parece supor. Embora alguns senhores e estadistas intercedessem a favor da sua liberdade. Ora, a interpretação

(49) SILVA, Agostinho da. *Estilo e Conteúdo*. “Humildade”, p.565: “Nenhum de nós é superior a qualquer outro, embora diferenças de partida económica, diferenças de partida económica, diferenças de meio cultural no que se refere a educação e exercício, diferenças de temperamento possam por vezes, ou melhor, freqüentemente, dar ideia de que isso seja mesmo assim. Ninguém vale mais do que nós, primeiro porque somos exemplar único e ninguém nos iguala sequer; (...)”; SILVA, Agostinho da. *Reflexão*. p.27: “(...) porque a escravidão, no fim de contas, pelo que respeita a degradação humana, age para os dois lados, para o lado do opressor e para o lado do oprimido”.

(50) FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*, pp.173-174.

(51) *ibidem*, p.44: “Não permitiu nunca que se endurecesse em antagonismos absolutos aquela separação dos homens em senhores e escravos, imposta pelo sistema de produção. Nem que se desenvolvesse exageradamente uma mística de branquidade ou de fidalguia”.

(52) *ibidem*, p.45: “Em toda a parte onde dominou esse tipo de colonização, o preconceito de raça se apresenta insignificante, (...)”.

que Agostinho faz destes argumentos defendidos pelo escritor brasileiro não poderia ser mais contrária. Se, como sabemos, Freyre exerce uma forte influência na pensar do autor português, por outro lado, distancia-se das premissas supra citadas. Agostinho da Silva é um crítico atento da colonização portuguesa⁵³, não inocenta a escravatura e menospreza qualquer indício de subordinação.

O pensamento de Gilberto Freyre galvaniza muitos autores (tanto brasileiros, como portugueses e até de outras nacionalidades), basta considerarmos os trechos, em forma de apensos⁵⁴, exibidos no final de *O Mundo que o Português criou* mas, ao mesmo tempo, congrega também, em torno da sua obra, um conjunto de críticos prementes. Uns associam Agostinho a Freyre⁵⁵, outros separam os dois pensadores⁵⁶ (para não referirmos aqueles que não os associam ou dissociam!). O que é facto é que Agostinho da Silva se deixou influenciar pelas

⁽⁵³⁾ SILVA, Agostinho da. Reflexão, p.27: "O que Portugal fez de maior no mundo não foi nem o descobrimento, nem a conquista, nem a formação de nações ultramarinas: foi o ter resistido a Castela"; ibidem, p.65: "(...) de modo que se poderia dizer que Portugal, depois do século XV, só vai ser grande naquilo em que continua a ser medieval; no resto se empequenece"; SILVA, Agostinho da. Proposição – Aditamento Um (inédito, 1975). In: Dispersos, p.631: "Além de tudo para que Portugal seja verdadeiramente irmão dos outros Povos da Língua, tem de morrer como metrópole e de renascer como comunidade livre, já que dominar os outros é a pior forma de prisão que ter se pode".

⁽⁵⁴⁾ Os autores desses trechos são Maria Archer (que participou também no IV Colóquio), padre Alves Correia (com quem, curiosamente, Agostinho da Silva se confronta, em 1943, através de correspondência pública), Manuel Múrias (Director do Arquivo Histórico Colonial de Lisboa), Vitorino Nemésio, Robert Smith Júnior, entre outros. FREYRE, Gilberto. Apensos. In: _____. *O Mundo que o Português criou*, pp.127-164.

⁽⁵⁵⁾ Tal como nos relatou, em depoimento, Pedro Moacir Maia (Leitor de português na Universidade de Dakar – 1961-1969 -, Adido Cultural da Embaixada do Brasil em Dakar – 1964-1969 – e Ex-Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal da Bahia) – Salvador, Brasil, 30/01/2004.

⁽⁵⁶⁾ Tal como nos relataram, em entrevista, M^a Fátima Ribeiro (Professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal da Bahia – depoimento concedido em Salvador, Brasil, 29/07/2002) e Fernando da Rocha Perez (Director do Centro de Estudos Baianos, Professor de História da Universidade Federal da Bahia, Poeta - entrevista concedida em Salvador da Bahia, Brasil, 29/01/2004) e justifica o texto de Waldir Freitas de Oliveira: "Nada tendo isso a ver com o luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, com o qual não concordava, e sem esquecer considerar difícil ver realizado o seu sonho, (...)" (OLIVEIRA, Waldir Freitas de. Agostinho da Silva – Lembranças e Verdades. In: *Jornal A Tarde. A Tarde Cultural, Salvador (Brasil), 7/2/2004, p.7*).

ideias de Gilberto Freyre naquilo que diz respeito à criação de um lugar (zona sentimental) comum entre todos aqueles que falam a língua portuguesa e preconizam a vivência do ecumenismo. Talvez, nos seus primórdios, o *Luso-Tropicalismo* de Freyre se constituísse como mais uma pista edificadora do *Portugal-Ideia*. É o que, no fundo, o sociólogo brasileiro afirma em *O Luso e o Trópico* quando faz menção às perspectivas de Agostinho da Silva.

No fim de contas, a *mestiçagem* não é outra coisa do que um lugar comum entre homens que cruzam as suas origens e buscam um mesmo Futuro.

BIBLIOGRAFIA

- BRUNO, Sampaio. **O Brasil Mental**. Porto: Lello Editores, 1997
- CASTELO, Cláudia. A Recepção do Luso-Tropicalismo em Portugal. In: AA.VV. **Novo Mundo nos Trópicos** – Anais do Seminário Internacional (Recife, 21 a 24 de Março de 2000). Fátima Quintas (org.), Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2001
- CORTESÃO, Jaime. **O Humanismo Universalista dos Portugueses**. Lisboa: Portugália Editora, 1965
- FREYRE, Gilberto. A propósito de Libertadores. In: **O Cruzeiro**. 29/12/1962
- _____. **Casa Grande & Senzala**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943
- _____. **O Luso e o Trópico**. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961
- _____. **O Mundo que o Português criou**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1940
- OLIVEIRA, Waldir Freitas de. **Agostinho da Silva** – Lembranças e Verdades. In: Jornal **A Tarde**. A Tarde Cultural, Salvador (Brasil), 7/2/2004

PESSOA, F., **Mensagem**. 17^a ed. Lisboa: Ed. Ática, s.d.

RISÉRIO, António. **Sobre a Nova história Oficial**. Dact., Brasil, 2003

SÉRGIO, António. Prefácio. In: _____. **O Mundo que o Português criou**, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1940

SILVA, Agostinho da. A minha meta é o ponto sem dimensão. (entrevista a Antónia de Sousa. In: *Diário de Notícias*, 20 / 07 /1986) In: _____. **Dispersos**, Organização de Paulo Borges, Lisboa: ICALP, 1989

_____. Conversas Inacabadas (com Joaquim Furtado. In: «Grande Reportagem». 7 a 20 de Dezembro de 1984; 21 a 27 de Dezembro de 1984; 28 de Dezembro a 3 de Janeiro de 1985; 4 a 11 de Janeiro de 1985). In: **Dispersos**. Organização de Paulo Borges, Lisboa: ICALP, 1989

_____. Entrevista com Agostinho da Silva. (In: *Filosofia*. nº 2, Dez. 1985). In: _____. **Dispersos**. Organização de Paulo Borges, Lisboa: ICALP, 1989

_____. Estilo e Conteúdo. “Ambição” (In: **Vida Mundial**. 14/04/1972). In: _____. **Dispersos**. Organização de Paulo Borges, Lisboa: ICALP, 1989

_____. **Estilo e Conteúdo**. “Humildade” (In: **Vida Mundial**. 14/04/1972). In: _____. **Dispersos**. Organização de Paulo Borges, Lisboa: ICALP, 1989

_____. Fontes e Pontes do Futuro: Educação Africana 1 (Assinado Frei G.H. In: **Vida Mundial**, 15/09/1972). In: **Dispersos**. Organização de Paulo Borges, Lisboa: ICALP, 1989

_____. Proposição (inédito, 1974). In: **Dispersos**. Organização de Paulo Borges, Lisboa: ICALP, 1989

_____. Proposição – Aditamento Um (inédito, 1975). In: **Dispersos**. Organização de Paulo Borges, Lisboa: ICALP, 1989.

_____. **Reflexão à margem da literatura portuguesa**. 3^a ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.

TELMO, António. Prefácio. In: BRUNO, Sampaio. *O Brasil Mental*. Porto: Lello Editores, 1997.